



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 3

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
CAPÍTULO 2	10
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
CAPÍTULO 3	23
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
CAPÍTULO 4	35
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolará	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
CAPÍTULO 5	47
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
CAPÍTULO 6	61
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
CAPÍTULO 7	74
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
CAPÍTULO 8	85
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

CAPÍTULO 9	95
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0551909109	
CAPÍTULO 10	102
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
DOI 10.22533/at.ed.05519091010	
CAPÍTULO 11	110
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091011	
CAPÍTULO 12	120
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05519091012	
CAPÍTULO 13	134
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.05519091013	
CAPÍTULO 14	145
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091014	
CAPÍTULO 15	157
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.05519091015	
CAPÍTULO 16	165
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ” CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ”	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.05519091016	

CAPÍTULO 17	181
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
DOI 10.22533/at.ed.05519091017	
CAPÍTULO 18	190
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091018	
CAPÍTULO 19	200
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.05519091019	
CAPÍTULO 20	210
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.05519091020	
CAPÍTULO 21	220
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
DOI 10.22533/at.ed.05519091021	
CAPÍTULO 22	231
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05519091022	
CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05519091023	
CAPÍTULO 24	249
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
DOI 10.22533/at.ed.05519091024	

CAPÍTULO 25	259
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
CAPÍTULO 26	274
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
CAPÍTULO 27	287
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
CAPÍTULO 28	296
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO

Manuelle Pereira da Silva

UFPA, Faculdade de Ciências da Linguagem
Abaetetuba – Pará

Amanda Ferreira Ferreira

UFPA, Faculdade de Ciências da Linguagem
Abaetetuba – Pará

Bárbara Furtado Pinheiro

UFPA, Faculdade de Ciências da Linguagem
Abaetetuba – Pará

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar criticamente a colocação dos pronomes oblíquos no português brasileiro. Para tanto, os objetivos específicos são discutir o fenômeno da próclise no português brasileiro; comparar as prescrições da gramática tradicional com o uso autêntico dos pronomes oblíquos no português brasileiro; analisar o fenômeno da próclise no *Facebook* por falantes do português brasileiro. A pesquisa é bibliográfica, sendo que foram utilizadas as gramáticas *Minimanual de Redação e Literatura*, *Manual de Redação: guia prático da Língua Portuguesa*, bem como postagens no *Facebook* de falantes brasileiros como *corpus* de pesquisa. A fundamentação teórica concentra-se em Bagno (1999; 2013), que faz considerações críticas sobre o uso da próclise no português brasileiro, além de tratar sobre o preconceito linguístico; Perini (2005) que

analisa descritivamente a sintaxe dos clíticos no português do Brasil; Brito (1908) que faz uma reflexão sobre os brasileirismos e Bechara (2009) que discute sobre a gramática prescritiva e a descritiva. Os resultados indicam que no português brasileiro não se usa a colocação pronominal da forma como a gramática prescritiva impõe. Ao contrário do que dizem os gramáticos tradicionais, é perfeitamente comum a próclise no início das orações no português brasileiro, e não se trata de “exagero” e muito menos “erro”. Com isso, conclui-se que as postagens no *Facebook* demonstram o uso legítimo do português brasileiro da próclise no início de enunciados, rompendo com a tradição gramatical, mostrando que esse fenômeno não pode ser considerado “errado”.

PALAVRAS-CHAVE: Gramáticas normativas. Colocação pronominal. Português brasileiro.

THE LANGUAGE IN USE: PLACEMENT SYNTAX

ABSTRACT: The objective of this work is to critically analyze the placement of oblique pronouns in the Brazilian Portuguese. For this, the specific objectives are to discuss the phenomenon of proclise in the Brazilian Portuguese; to compare the prescriptions of traditional grammar with the authentic use of oblique pronouns in Brazilian Portuguese; to

analyze the phenomenon of proclise in Facebook by Brazilian Portuguese speakers. The research is a bibliographical, being that was used the grammars *Minimanual de Redação e Literatura*, *Manual de Redação: guia prático da Língua Portuguesa*, as well as Facebook posts of Brazilian speakers as a corpus of research. The theoretical basis is focused on Bagno (1999; 2013), who makes critical considerations about the use of the proclise in the Brazilian Portuguese, in addition to treat about the linguistic prejudice; Perini (2005) that descriptively analyzes the syntax of clitics in Brazilian Portuguese; Brito (1908) who makes a reflection on the Brazilianisms and Bechara (2009) that discusses about the prescriptive and the descriptive grammar. The results indicate that in the Brazilian Portuguese it is not used the pronominal placement of the form as the prescriptive grammar imposes. Contrary to what traditional grammarians say, it is perfectly common the proclise at the beginning of the prayers in the Brazilian Portuguese, and it is not an “exaggeration” and much less “error”. Thereat, it is concluded that Facebook postings show the legitimate use of Brazilian Portuguese of the proclisis at the beginning of sentences, breaking with the grammatical tradition, showing that this phenomenon can’t be considered “wrong”.

KEYWORDS: Normative grammars. Pronominal placement. Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

É notório que as gramáticas prescritivas postulem regras de colocação pronominal os falantes brasileiros tendem a não utilizá-las da mesma forma que são impostas. Elas estão baseadas no português europeu, com isso diferem muito das variedades brasileiras. Os falantes brasileiros têm preferência em utilizar os pronomes oblíquos no início de enunciados. Portanto, nesse trabalho, propõe-se tratar sobre a colocação pronominal no português brasileiro, especificamente sobre a próclise.

O objetivo geral deste trabalho é analisar criticamente a colocação dos pronomes oblíquos no português brasileiro. Os objetivos específicos são discutir o fenômeno da próclise no português brasileiro; comparar as prescrições da gramática tradicional com o uso autêntico dos pronomes oblíquos no português brasileiro; analisar o fenômeno da próclise no Facebook por falantes do português brasileiro.

REFERENCIAL TEÓRICO

As postulações gramaticais prescritas pela tradição gramatical, muitas vezes, não estão de acordo com o falar brasileiro. Assim, muitas regras sintáticas divergem dos usos praticados pelos falantes de português brasileiro. É o caso da próclise, a qual, segundo Perini (2005), trata da colocação do clítico imediatamente antes de verbos, como, por exemplo em “O sermão me aborreceu”.

Além desse fenômeno, existem outros dois: a ênclise e a mesóclise. Segundo

Faraco et al (2017, p. 243), “a ênclise é a colocação usual. Costuma ser usada no início dos períodos (para não começar uma frase com pronome oblíquo átono)”. Certamente, a ênclise não é a colocação usual do português falado no Brasil atualmente, visto que, a prescrição de não começar uma frase com o pronome oblíquo átono mostra uma desconsideração com o falar legítimo do brasileiro, que usa a próclise nesse contexto, tanto em situações formais quanto em situações informais. Já a mesóclise ocorre quando o verbo está flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito, por exemplo: “A prova realizar-se-á neste sábado”; “Far-lhe-ei uma proposta”, como afirma Pontes (2010).

De acordo com Vieira (2014), há possibilidade de o pronome átono figurar em próclise (me dá um cafezinho), em ênclise (dá-me um cafezinho) ou, ainda, em mesóclise (dar-me-ia um cafezinho). Essas possibilidades são favorecidas por fatores estruturais, estilísticos e rítmicos. No português brasileiro atual, é mais comum o uso da próclise tanto com o pronome oblíquo “me” quanto com os outros: “te”, “se”, “nos”.

É necessário distinguir a gramática prescritiva da descritiva. A primeira é compreendida como o conjunto de regras estabelecidas pelos gramáticos normativos. Essa gramática privilegia regras do “bem falar”, ditando o “certo” e “errado” na língua (FRANCHI, 1991). Em contrapartida, a gramática descritiva é, segundo Bechara (2009), uma disciplina científica que descreve um sistema linguístico em todos seus aspectos, sem fazer julgamentos de valor a determinado fenômeno linguístico.

Ainda segundo Bechara (2009), a abordagem prescritiva seleciona recursos linguísticos em nome de uma forma ideal, ou única considerada correta de emprego da língua. Dessa forma, tudo que foge às prescrições é considerado erro. Cabe à gramática prescritiva elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

No que diz respeito a abordagem prescritiva, Pontes (2010, p. 124) afirma que “não devemos iniciar orações com pronomes oblíquos átonos”. Por exemplo, “me desculpa”, “se estuda na sala”, são considerados “erros”, visto que divergem do que diz a prescrição gramatical. De acordo com Vieira (2014, p. 124), a abordagem prescritiva determina contextos em que se faz obrigatória o uso da próclise:

- a. orações negativas: Nunca se viu tal arrogância?
- b. orações exclamativas: Quanto sangue se derramou inutilmente!
- c. orações interrogativas: Quem o obrigou a sair?
- d. orações subordinadas: Espero que me atendas sem demora.
- e. construções com alguns advérbios (já, aqui, bem, etc.): Aqui se aprende a defender a pátria.
- f. pronomes indefinidos e numeral ambos: Tudo se fez como você recomen-

dou; Todos os barcos se perdem, entre o passado e o futuro.

Nesses contextos, o uso da próclise é exigido. Assemelha-se ao português europeu e ocorre devido à “atração” exercida por alguns vocábulos. No entanto, no português brasileiro um enunciado como “Me dá um pedaço de bolo” não está “correto” de acordo com a gramática prescritiva. Como ressalta Bagno (1999), tal gramática é preconceituosa, pois constantemente são proferidos juízos de valor como “Brasileiro não sabe português”, “Só em Portugal se fala bem português”. Essas opiniões são habituais, corriqueiras, comuns e refletem o preconceito linguístico.

Ainda segundo o autor, trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola. O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal (BAGNO, 1999). É possível notar que o preconceito linguístico tem suas raízes nas postulações gramaticais de “certo” e “errado”, pois quando o falante faz uso de construções que não estão de acordo com o que está na gramática normativa, muitas vezes, esse falante é visto como “aquele que não sabe português”.

A gramática descritiva, por sua vez, descreve os fenômenos da língua, analisando-os sem estabelecer o “certo” ou “errado” na língua. Na visão de Bechara (2009), a abordagem descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve um sistema linguístico nos seus aspectos fonético-fonológico, morfossintático e léxico. Corroborando com o autor, Leite e Figueiredo (2010, p. 48) afirmam que a gramática descritiva “apresenta conceitos reformulados, analisa profundamente os exemplos dados, buscando, antes de chegar a uma conclusão, responder aos possíveis questionamentos em relação aos fatos da língua.”

Com relação às posições dos clíticos, a próclise e a ênclise, Perini (2005) estabelece restrições que dariam conta da maioria dos casos:

“Restrição à próclise:

É malformada toda oração que contenha proclítico no início de estrutura oracional não-subordinada ou logo após elemento topicalizado” (PERINI, 2005, p. 229-230).

1) Sábado, senti-me mal.

2) Sábado, me senti mal.

A primeira oração tem uma estrutura de topicalização, logo, o clítico deve posicionar-se depois do verbo principal. E na segunda oração foi colocado o clítico antes do verbo principal, o que para Perini (2005) é uma estrutura sintática malformada. Porém, no português brasileiro formações como essa são muito comuns, e não causam estranhamento.

“Restrição à ênclise:

É malformada toda oração que contenha enclítico quando: o elemento verbal (Aux ou NdP) é gerúndio, precedido de em; ou o Aux/NdP é participio; ou a oração

se inicie com item marcado 1+Atração]” (PERINI, 2005, p. 229-230).

1) Em se tratando de futebol, a seleção brasileira é ótima.

2) Em tratando-se de futebol, a seleção brasileira é ótima.

No caso de orações com gerúndio, prescreve-se a próclise obrigatória quando o verbo vem precedido pela preposição *em* como na oração (3). A oração (4) é malformada, pois causa estranhamento na pronúncia. E também, não é comum no português brasileiro tanto formal quanto informal.

Com relação ao posicionamento dos clíticos, Perini (2005) afirma que existe um problema em decorrência de as variedades brasileiras diferirem muito do padrão europeu. Vale ressaltar que a ênclise está desaparecendo do português brasileiro, conseqüentemente está sendo substituída pela próclise, que estabelece apenas que os clíticos se colocam sempre antes do verbo principal, por exemplo, “me preocupe com vocês”. Na abordagem descritiva, se aceita próclise ou ênclise, por exemplo, em “Minhas primas comportam-se bem”, e “Minhas primas se comportam bem”.

Com relação ao uso dos pronomes átonos no português brasileiro, Bagno (2013) nos diz que, como toda língua resultante de um processo de colonização, o português brasileiro apresenta traços conservadores, ou seja, características do português quinhentista que já desapareceram da língua contemporânea falada em Portugal, e traços inovadores surgidos das forças sociais e dos processos cognitivos que impulsionam a mudança linguística.

Ainda segundo o autor, há uma colocação pronominal única no português brasileiro: a próclise ao verbo principal. Como por exemplo, “me desculpe”; “Paulo te ama”; “se estuda na sala”; “você poderia nos ajudar?”. Esses exemplos ilustram o legítimo falar brasileiro, com sua colocação própria e logicamente diferente do padrão lusitano.

As reflexões sobre o fenômeno da próclise já eram discutidas no Brasil no final do século XIX e início do século XX. A obra de Paulino de Brito é uma resposta às postulações lusitanas que pretendiam menosprezar os brasileirismos. Brito (1908) faz uma crítica às imposições de Candido de Figueiredo, escritor e filólogo português, pois afirma que o escritor português considerava que a forma de falar portuguesa era à única legítima, devendo a outra ser condenada e banida como erro crasso.

Perini (2005) enfatiza que as variedades brasileiras diferem muito do padrão europeu, causando vacilação constante entre a tendência a respeitar esse padrão e a tendência a adaptá-lo ao nosso uso. Em outras palavras, muitos manuais de gramáticas ainda não discutem a língua falada no Brasil.

METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa de caráter explicativo, pois segundo Gil (2007), a pesquisa explicativa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos.

Neste trabalho buscou-se explicar a causa da utilização da próclise no português brasileiro. Para a pesquisa, foram utilizadas as gramáticas *Minimanual de Redação e Literatura*, *Manual de Redação: guia prático da Língua Portuguesa* como materiais. E como corpus de pesquisa foram utilizadas postagens no *Facebook* de falantes brasileiros. O referencial teórico usado foi Bagno (2013), Perini (2005), Brito (1908) e Bechara (2009).

Foram utilizadas três contas do *Facebook* para a coleta de dados, os quais foram coletados no período de agosto de 2018 a maio de 2019. Foram coletados dados do *feed* de notícias, bem como de grupos. O trabalho está dividido da seguinte maneira: na primeira seção “Colocação pronominal” são discutidas as regras de colocação pronominal.

Na segunda seção “Colocação pronominal segundo a gramática prescritiva e descritiva” é introduzida a sintaxe de colocação na visão prescritiva e na descritiva. Na seção “Análise do fenômeno da colocação pronominal”, são observadas as imposições sobre a colocação dos pronomes oblíquos em gramáticas, bem como, os usos linguísticos de falantes do português.

RESULTADOS/DISCUSSÕES

Para analisar como a colocação pronominal é postulada segundo a norma-padrão, utilizou-se o *Minimanual de Redação e Literatura* (2010), de autoria de Marta Pontes; o *Manual de Redação: guia prático da Língua Portuguesa* (2001), de autoria de Luiz Fernando Mazzarotto, Davi Dias de Camargo, Ana Maria Herrera Soares. Além disso, foram analisadas postagens de internautas no *Facebook* como *corpus* de pesquisa.

Optou-se por apresentar as postagens do *Facebook*, observando os usos autênticos do português brasileiro, cujo uso mais comum é colocar o pronome antes do verbo em início de orações, contrapondo com as prescrições gramaticais. São apresentados e analisados os usos concretos de falantes nativos do português brasileiro, em postagens no *Facebook*.



Figura 1 – Uso do pronome “me”

Fonte: Facebook (2018).

O enunciado “me faça feliz com um comentário?!” confirma a sintaxe de colocação típica do português brasileiro. A colocação pronominal da internauta “transgride” a velha imposição normativa “não inicie orações com pronomes oblíquos”, pois essa postulação não está de acordo com a intuição do falante brasileiro. Na visão tradicional, em hipótese alguma se deve iniciar orações com pronomes oblíquos átonos. Nesse sentido, o enunciado ficaria: “Faça-me feliz com um comentário?!”. Isso pareceria distante da fala comum do brasileiro.

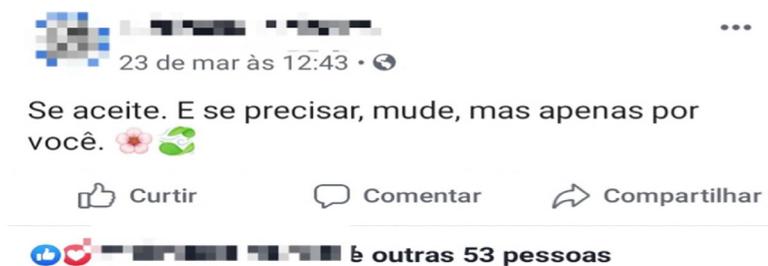


Figura 2 – Uso do pronome “se”

Fonte: Facebook (2019).

Na postagem da internauta, mais uma vez, é possível perceber que a colocação do clítico “se” se encontra antes do verbo principal. É possível notar que essa é uma construção sintática bastante comum no português do Brasil, a qual rompe com as prescrições gramaticais ditadas pela gramática tradicional, reforçando que esse uso é completamente natural para o falante brasileiro. De acordo com a gramática prescritiva, o enunciado ficaria “Admire-se também”. Vale ressaltar que esta última forma é pouco encontrada em redes sociais como o Facebook.



Figura 3 – Uso do pronome “te”

Fonte: Facebook (2019).

Na postagem “Te eternizar no meu corpo e coração”, é possível notar o uso do clítico “te” no início da oração. Se o enunciado fosse escrito “Eternizar-te no meu corpo e coração” estaria de acordo com a prescrição gramatical, mas distante da fala brasileira comum (padrão ou não). Logo, é possível perceber que os falantes nativos

têm preferência pela próclise, uma marca do português brasileiro.



Figura 4 – Uso do pronome “nos”

Fonte: Facebook (2019).

Na postagem, pode-se perceber que o pronome oblíquo átono de 3ª pessoa “nos” foi colocado antes do verbo “comportar” no gerúndio, o que contraria as prescrições gramaticais. Para Bechara (2009), a ênclise deve ser usada em caso de verbo no gerúndio. Assim, reescrevendo o enunciado acima de acordo com a prescrição gramatical, o enunciado ficaria “Cientistas conseguiam capturar o primeiro instantâneo da luz comportando-se...”. Entretanto, contrariando as prescrições gramaticais, o enunciado acima é perfeitamente comum no português falado no Brasil, e não se trata de “erro”, mas sim de um uso linguístico comum, que faz parte da intuição gramatical de falantes brasileiros. Portanto, não se configura como um “erro gramatical”, como prescreve a gramática tradicional.

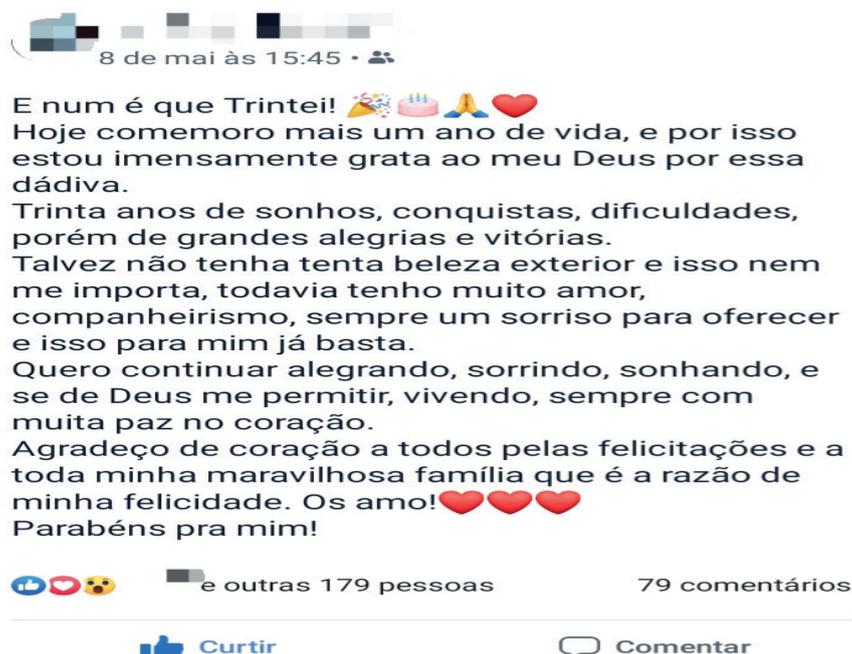


Figura 5 – Uso do pronome “os”

Na postagem é possível notar o clítico “os” posicionado antes do verbo principal conjugado em 3ª pessoa do singular “amo”. A forma “Os amo!” não segue o padrão gramatical de colocação pronominal, o qual postula que se deve usar a ênclise nesses casos. Assim, o enunciado deveria ficar da seguinte forma: “Amo os!”.

Como já discutido em postagens anteriores, os falantes brasileiros têm preferência pela próclise. Nesse sentido, a colocação pronominal brasileira não segue as regras de colocação previstas pela gramática prescritiva.

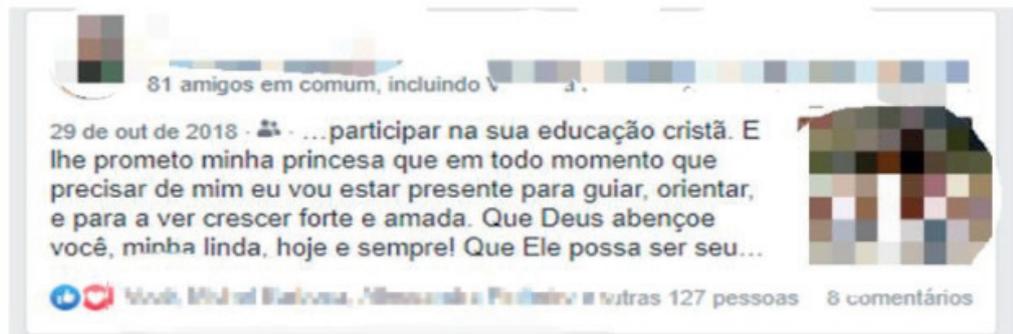


Figura 6 – Uso do pronome “lhe”

Fonte: Facebook (2019).

A postagem é mais um caso de uso da próclise quando a gramática prescritiva impõe o uso da ênclise. Em “E **lhe** prometo”, o pronome oblíquo átono “lhe” foi colocado antes do verbo principal “prometer”. Com isso, confirma-se a colocação pronominal típica do português brasileiro: a próclise em início de enunciados.

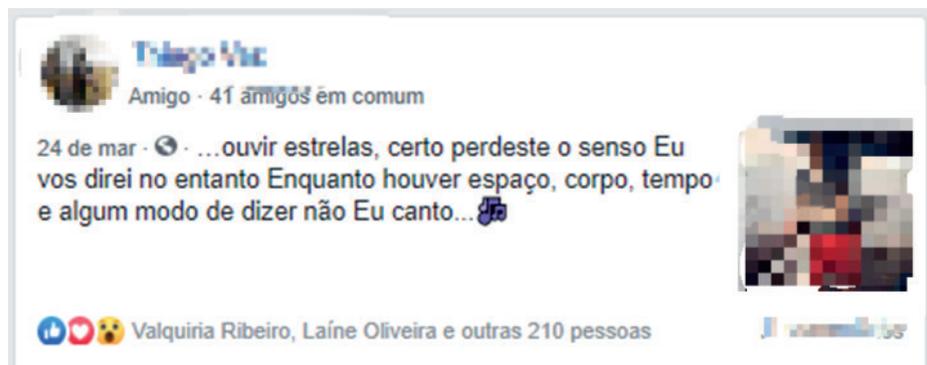


Figura 7 – Uso do pronome “vos”

Fonte: Facebook (2019).

O pronome “vos” referente ao pronome “vós”, o qual já caiu em desuso no português brasileiro, foi colocado antes do verbo principal no tempo futuro “darei”. Assim, “Eu vos direi” não segue as normas gramaticais, pois para a gramática

prescritiva postula que se deve utilizar a ênclise da seguinte forma: “...Eu direi-vos”. Percebe-se que até em casos de uso de pronomes pouco usados no português brasileiros, se utiliza a próclise ao invés da ênclise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que as postagens no *Facebook* demonstram o uso legítimo brasileiro da colocação dos pronomes oblíquos átonos no início de enunciados, o que rompe com a tradição gramatical e se mostra uma norma mais inovadora, e que de forma alguma pode ser considerada “errada”. Vale ressaltar que a maior parte dos falantes do português brasileiro não usa a ênclise em início de orações como a gramática prescritiva impõe, mas sim a próclise.

Percebe-se que as gramáticas se mostram inflexíveis, fixas em um conjunto de regras impostas ao falante brasileiro. Os usos prescritos pela gramática normativa seguem padrões lusitanos e desconsideram o fenômeno da próclise como colocação pronominal comum do português brasileiro.

É essencial que o professor ensine as regras de colocação pronominal na sala de aula, de acordo com o que prevê a gramática normativa. O docente não deve descartar a norma, mas deve refletir sobre o que ocorre na língua, partindo dos usos, e daí deve analisar o que está prescrito na norma.

O professor deve ensinar a colocação pronominal de acordo com a norma, de modo que os alunos se apropriem desses conhecimentos para desenvolver a habilidade de leitura e escrita de textos da variedade dita padrão do português brasileiro. Contudo, o professor também deve apresentar as variedades de uso da língua em textos autênticos. Deve-se, portanto, abordar os diferentes usos da colocação pronominal por meio de uma variedade de textos orais e escritos, tanto numa visão prescritiva quanto descritiva. Dessa forma será possível ao aluno refletir de forma crítica a respeito da colocação dos pronomes.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. A mitologia do preconceito linguístico. In: *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Editora Loyola, 1999, p. 20.

BECHARA, Evanildo. Gramática Descritiva e Gramática Normativa. In: **Moderna Gramática portuguesa**. – 37. ed. rev., ampl. e atual conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 37. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/5051v>>. Acesso em: 22 nov. 2018, 16:02:54.

BRITO, Paulino de. **Brasileirismos de colocação de pronomes – resposta ao sen. Cândido de Figueiredo**. Livraria Azevedo: Rio de Janeiro, 1908. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/26048/brasileirismos-de-colocacao-de-pronomes.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 13 jun. 2018, 10:54:21.

FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo gramática? In: LOPES, H. V. et al (orgs.). **Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade**. São Paulo: Secretaria da Educação / Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991, p. 48.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITE, Inêrzia Kaliane Torres; FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos. **Divergências Conceituais: Gramática Normativa X Descritiva**. Revista Graduando, nº1 jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/n1/n1.45-52.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2019, 19:02:00.

MAZZAROTTO, Luiz Fernando; CAMARGO, Davi Dias de Camargo; SOARES, Ana Maria Herrera. **Manual de redação: guia prático da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2001. Disponível em: <https://ocondedemontecristo.files.wordpress.com/2011/03/un01.pdf>. Data de acesso: 7 jan. 2019, 19:12:03.

PERINI, Mário Alberto. Pronomes. In: **Gramática descritiva do Português**. 4ª ed., 8ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005, p. 229-230.

PONTES, Marta. Colocação Pronominal. In: **Minimanual de redação e literatura**. São Paulo: DCL, 2010.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Colocação pronominal. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. – 2. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014, p. 122 e 124.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

H

Homogênea 96, 183

I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

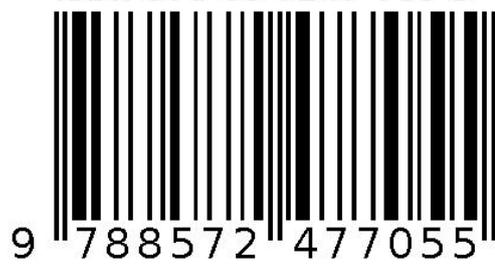
T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-705-5



9 788572 477055